

Desafios à construção de narrativas amazônicas nas redes sociais digitais¹

Marina MAGALHÃES²

Sebastião NASCIMENTO³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

Este trabalho visa apresentar dados do mapeamento e diagnóstico da presença de comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas na internet. Tais dados resultam de pesquisas netnográfica e de campo desenvolvidas no Projeto Cidadania Digital, que teve como missão analisar, a partir da perspectiva do digital, as relações comunicacionais desses povos, visando promover a cidadania digital e o net-ativismo na região.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania digital; net-ativismo; Amazônia; Baixo Amazonas; comunidades ribeirinhas.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta dados reunidos nas atividades do projeto Cidadania Digital⁴, desenvolvido no período de agosto de 2022 a fevereiro de 2024. A pesquisa, fruto de uma parceria científica entre a Universidade Federal do Amazonas e o Centro Internacional de Pesquisa Atopos, lançou-se na missão de analisar, a partir da perspectiva do digital, as relações comunicacionais dos povos ribeirinhos do Baixo Amazonas⁵, visando promover a cidadania digital e o net-ativismo na região.

Focalizamos aqui os passos dados pelos nossos pesquisadores antes de subirem nas canoas, barcos e lanchas, seguirem rios adentro e descobrirem os desafios do campo. Foi preciso preparar um mapeamento e, a partir dele, definir, entre as tantas comunidades existentes neste pedaço de Amazônia, aquelas que se encontravam em situação de vulnerabilidade social interessadas em construir conosco as atividades do projeto.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 1 - Análise da situação política atual e desafios quanto à criação de narrativas amazônicas, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Professora adjunta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas-UFAM Parintins, email: marinamagalhaes@msn.com.

³ Professor substituto do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas-UFAM Parintins, email: sebastiaonascimento@outlook.com

⁴ Esta publicação faz parte da Pesquisa Cidadania Digital, financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, aprovada no âmbito do Edital N. 005/2022 - Programa Humanitas CT&I. A primeira autora coordenou o projeto, enquanto o segundo autor foi bolsista Apoio Técnico Fapeam 2022/2023.

⁵ Região do estado do Amazonas que compreende vários municípios ao longo do Rio Amazonas e de seus afluentes. Esses municípios podem variar segundo a definição utilizada, mas em geral incluem as cidades de Parintins, Barreirinha, Nhamundá, Maués e Boa Vista do Ramos.

Inicialmente foram identificados dois grupos a partir desses parâmetros: o Quilombo Santa Tereza do Matupiri e a aldeia indígena Nova Alegria (povo Sateré-Mawé), situadas em Barreirinha e Parintins (AM), respectivamente. Durante esse processo de mapeamento, também se constatou a presença de descendentes de imigrantes japoneses no município de Parintins-AM. Nas primeiras décadas do século XX, seus parentes contribuíram significativamente para a história e o desenvolvimento da cidade e do estado do Amazonas, sobretudo na construção do ciclo da juta e no desenvolvimento da infraestrutura da Vila Amazônia. Tais imigrantes, porém, foram esquecidos pela narrativa histórica e não foram devidamente valorizados culturalmente. Este terceiro grupo não se enquadra como uma comunidade em situação de vulnerabilidade socioeconômica, mas sim socialmente e digitalmente invisibilizada.

Sem a pretensão de esgotar a diversidade de povos amazônidas neste mapeamento, limitado por recortes temporais e geográficos, a pesquisa propôs como ponto de partida uma representação das populações locais a partir de três eixos: a Amazônia indígena, a Amazônia negra e a Amazônia nipo-brasileira. Apresentamos a seguir o trabalho de diagnóstico da presença dessas comunidades ribeirinhas na internet.

Passos metodológicos

O mapeamento da presença digital começou antes das visitas às comunidades. Vale ressaltar que as temáticas, formatos e outras atividades foram definidos a partir das demandas de suas lideranças. Quando isso não ocorreu, apresentamos opções de oficinas e atividades para construção coletiva durante as visitas. Os dois últimos passos incluíram uma pesquisa acerca da presença da Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha (FOQMB), da comunidade Nova Alegria e da Associação Nipo Brasileira de Parintins (ANBP) nas redes sociais digitais.

A FOQMB é constituída pelas comunidades quilombolas Santa Tereza do Matupiri (sede da Federação), Boa Fé, Ituquara, São Pedro e Trindade, que possuem seus respectivos núcleos, como Pagoa, São Paulo do Açú, Lírio do Vale e São Marcos. A comunidade Santa Tereza do Matupiri, que recebeu o projeto, tem uma população estimada em 140 famílias quilombolas e 250 comunitários⁶. Já a aldeia Nova Alegria faz

⁶ Cf. ALBUQUERQUE, R.; FERREIRA, G. I. Dos relatórios provinciais à polifonia dos moradores do Quilombo Santa Tereza do Matupiri – Andirá/AM, Norte do Brasil. **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 59, p. 36-55, jul./dez. 2019.

parte do território indígena Sateré-Mawé, que se divide em três grandes regiões: rio Andirá, em Barreirinha; rio Marau-Urupadi, em Maués; rio Uaicurapá, em Parintins. A comunidade faz parte desta última região – junto com São Francisco de Assis, Vila da Paz, Vila Batista, Nova Galileia, Monte Carmelo e Ipiranga – e tem cerca de 170 habitantes⁷. A ANBP, por sua vez, é formada por descendentes de imigrantes japoneses que vivem em Parintins desde a década de 1930, com a chegada dos Koutakusei, sendo selecionada por sua representação junto às comunidades escolhidas. A associação, fundada em 1990, tem cerca de 120 associados⁸.

No decorrer do mapeamento, constatou-se que a FOQMB e a comunidade Nova Alegria possuíam uma presença digital praticamente inexistente, uma vez que os grupos não apresentavam perfis nas redes sociais à época da pesquisa. Enquanto isso, a ANBP estava presente apenas no Facebook, com uma página que, embora ativa, registrava uma queda no número de publicações ao longo dos anos e era gerenciada de forma aleatória, sem planejamento de formato, conteúdo ou regularidade das postagens.

Este levantamento foi realizado de janeiro a abril de 2023, e considerou as redes mais utilizadas naquele período, como Facebook, Instagram, X (antigo Twitter) e YouTube. Foram inseridas palavras-chave em seus recursos de busca, a saber: a) Nova Alegria (Nova Alegria, povo Sateré-Mawé Parintins, Comunidade Nova Alegria); b) Associação Nipo Brasileira de Parintins (ANBP) (Associação Nipo Brasileira de Parintins, ANBP, Associação Japonesa Parintins, Comunidade Nipo Brasileira, Koutakusei); e c) Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha (FOQMB) (Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha, FOQMB, Federação Quilombolas, Quilombolas do Andirá, Santa Tereza do Matupiri, Boa Fé, Itaquara, São Pedro, Trindade).

A ausência digital identificada nos casos da FOQMB e da comunidade Nova Alegria compromete a comunicação e a visibilidade dessas comunidades e suas iniciativas. Partimos da hipótese de que tal ausência se deve à dificuldade de acesso a uma rede estável de conectividade, tendo em vista que as comunidades estão situadas em regiões distintas de áreas urbanas, percorrível apenas por horas de trajeto de barco.

⁷ Sobre o tema, ler: SIMAS, H. C. P.; FERNANDES, T. N.; SILVA, A. R. A Língua sateré-mawé em contexto urbano. In: BARTOLI, E.; MUNIZ, C.; 111ALBUQUERQUE, R. (orgs). **Parintins**: Sociedade, Território e Linguagens. Manaus: EDUA, 2016. p. 161-178.

⁸ <https://nikkeyweb.com.br/associacao-nipo-brasileira-de-parintins-anbp/>

Em decorrência disso, complementamos o diagnóstico da presença dessas comunidades na internet a partir da aplicação de um questionário a fim de obter dados mais realistas sobre as comunidades quilombola e indígena com as quais trabalhamos.

Já a ANBP, sediada em Parintins-AM, tem uma condição de acesso à internet menos problemática, disponível por sinais de operadoras de telefonia móvel e por empresas de internet wi-fi; ainda assim, suscetível à instabilidade de conexão característica da região. Embora presente no Facebook⁹, sugeriu-se para a Associação a criação de um perfil no Instagram¹⁰. Além disso, foram desenvolvidas reuniões com seus coordenadores para discutir a frequência e o tipo de conteúdo postado, buscando um equilíbrio entre informação, entretenimento e promoção cultural.

Dados do campo

Ao desembarcamos nas comunidades, no Quilombo Santa Tereza do Matupiri e na aldeia Nova Alegria, apresentamos o projeto aos participantes e, ao longo do dia, aplicamos os questionários para conhecer as condições de conectividade locais.

No Matupiri, os questionários foram aplicados com 26 pessoas, com idades entre 13 e 78 anos, metade mulheres e metade homens. A maior parte dos respondentes se declarou preta (92,3%), seguida por parda (7,7%); nenhuma das pessoas ouvidas pela pesquisa se declarou indígena ou branca. Do total de respondentes, 53,8% revelou ter acesso à internet. Entre as 14 pessoas que responderam ter acesso à internet, ainda que sem uma frequência regular, sete revelaram acessar pelo wi-fi (sem especificar qual), três usam a internet da escola, duas via provedor privado (Hughes Net), uma via satélite e uma outra revelou usar pelo celular do marido (sem especificar por qual meio). Quando perguntamos aos participantes se tinham telefone celular próprio, 18 pessoas responderam que sim. Quanto às formas de acesso à internet, a maioria indicou entrar mais na rede via telefone celular (90,5%), em seguida por notebook (14,3%) e computador pessoal (9,5%). Mais da metade dos respondentes (60%) revelou pagar para acessar a rede. Entre as redes sociais mais utilizadas, em primeiro lugar ficou o WhatsApp (91,3%), seguido de Facebook (47,8%), Instagram (30,4%) e YouTube (26,1%). Como poderiam indicar mais de uma opção, 52,2% deles também revelaram usar o e-mail.

⁹ <https://www.facebook.com/share/NrfsNHe3RdM79Muu/?mibextid=WC7FNe>

¹⁰ https://www.instagram.com/anbparintins_?igsh=MXZjaHhsNzI5dHdvDg==

Em Nova Alegria, aplicamos o questionário entre 29 participantes das atividades do projeto, com idades entre 21 e 57 anos. A maioria era composta por homens (72,4%), e apenas oito mulheres (27,6%) participaram do diagnóstico. Do total de respondentes, a maior parte se autodeclarou como indígena (75,9%), em seguida como parda (17,2%) e preta (6,9%); ninguém se reconheceu como branco. Em relação à questão da conectividade, grande parte dos respondentes, 93,1%, declarou possuir celular próprio, mas quando perguntados sobre o acesso à internet o índice caiu para 75,9%. Este acesso se dá sobretudo por meio da internet da escola (85,7%), já que apenas dois respondentes informaram acesso via provedor particular, sendo um via Hughes Net (7,1%) e o outro via wi-fi (7,1%), apesar de não ter especificado qual. Como dispositivo de conectividade, todos os respondentes revelaram acessar pelo celular. Como poderiam indicar mais de uma opção, 17,9% indicou o acesso também por notebook e 3,6% (apenas um) por computador pessoal. A maioria dos respondentes (77,8%) revelou não pagar para acessar. A plataforma de rede social mais usada por eles é WhatsApp (88,9%), seguida por Facebook (81,5%), YouTube (33,3%) e Instagram (25,9%). Como poderiam indicar mais de uma opção, 63% dos respondentes também revelaram usar o e-mail.

A partir deste diagnóstico, o projeto implementou uma série de oficinas – fotografia, produção de vídeo com celular, etnoterritorialidades, tecnologia social da memória – nas comunidades envolvidas, adequadas às especificidades locais. Elas foram voltadas para capacitar os participantes a utilizar tecnologias digitais, linguagens e formatos para contar suas próprias histórias, documentar suas realidades e promover a cultura local. Essas atividades ainda buscaram conscientizá-los quanto às possibilidades de produção e disseminação de conteúdo online, a partir de conversas sobre a importância do uso das redes para a produção de conteúdo sobre suas vidas, culturas e territórios.

Porém, um obstáculo enfrentado foi a falta de acesso à internet estável nas comunidades, o que afetou a própria comunicação entre os pesquisadores do projeto e os participantes, antes e depois das oficinas. Isso também afetou nosso planejamento: inicialmente, projetamos ofertar, em Nova Alegria e Santa Tereza do Matupiri, oficinas de produção e gerenciamento de redes sociais. Contudo, isso demandava prática com acesso à internet, o que nos desafiou a rever metodologias, objetivos e expectativas.

Apesar das dificuldades encontradas no campo do Baixo Amazonas, o projeto desenvolveu ações que fortaleceram a produção de conteúdo e buscaram promover o net-

ativismo nas comunidades. Ao compartilhar conhecimentos em torno das experiências de cidadania em colaboração com as tecnologias digitais, o projeto incentivou os participantes a ampliarem suas vozes e compartilhem suas experiências, seja para os moradores das próprias comunidades, seja para usuários de fora dali. Isso se refletiu no aumento da presença online da ANBP, por exemplo, e na realização de eventos como o I Shima Matsuri – O Festival da Ilha, realizado em parceria com a equipe deste projeto.

Por outro lado, embora a FOQMB tenha se mostrado positiva quanto às atividades desenvolvidas, não houve de fato um avanço em direção à criação desses canais comunicacionais até a data de encerramento deste projeto. O líder da Federação, João Xisto, morador do Quilombo de Santa Tereza do Matupiri, informou à equipe que a entidade vem se planejando para criar perfis no Facebook e Instagram, o que ainda não ocorreu por conta da baixa qualidade do acesso à internet na comunidade.

Ainda assim, as atividades desenvolvidas pelo projeto incentivaram as comunidades a se engajar em questões sociais e políticas locais. Por exemplo, a oficina de Produção de vídeo com o celular, em Nova Alegria, demonstrou como as comunidades poderiam utilizar a tecnologia para denunciar injustiças e promover a defesa de seus direitos. Os participantes se interessaram pela produção desses conteúdos e chegaram a compartilhar vídeos após a oficina, em um grupo criado com membros do projeto.

Já no tocante a questões de logística, o acesso a essas comunidades e o alto custo de fazer pesquisa na região limitou a quantidade de visitas de campo e de pesquisadores nos deslocamentos. Mesmo assim, o projeto buscou se adaptar à realidade local, trabalhar a partir de suas demandas e construir um espaço de trocas em que a conexão se daria em um segundo momento, quando disponível para os participantes.

Em suma, o projeto Cidadania Digital representou um esforço significativo para promover a inclusão digital e fortalecer a cidadania nas comunidades quilombolas, nipo-brasileiras e indígenas da região amazônica. Apesar dos desafios encontrados, os resultados alcançados evidenciam o potencial transformador das intervenções centradas nas necessidades e realidades locais. À medida que avançamos, é fundamental refletirmos os conceitos de cidadania digital a partir dessas experiências e buscar soluções inovadoras para superar as barreiras de conectividade ainda existentes para uma experimentação plena de outras formas de cidadania e para o exercício do net-ativismo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R.; FERREIRA, G. I. Dos relatórios provinciais à polifonia dos moradores do Quilombo Santa Tereza do Matupiri – Andirá/AM, Norte do Brasil. **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 59, p. 36-55, jul./dez. 2019.

SIMAS, H. C. P.; FERNANDES, T. N.; SILVA, A. R. A Língua sateré-mawé em contexto urbano. In: BARTOLI, E.; MUNIZ, C.; ALBUQUERQUE, R. (orgs). **Parintins: Sociedade, Território e Linguagens**. Manaus: EDUA, 2016. p. 161-178.